

A prática da pesquisa em um curso de pós-graduação *lato sensu*: limites e possibilidades

Maria das Graças da Silva¹

Michelle Ribeiro Corrêa²

Salete Salvalaggio³

Resumo: 0

0 Este texto, parte integrante da monografia que será apresentada à Coordenação do Curso da Especialização em Metodologia da Educação Superior, cuja temática foi motivada pelas dificuldades e angústias que enfrentou-se no momento em que foi solicitado a colocar-se a indagação inicial de um problema que orientaria o formato de nosso projeto, e, posteriormente, o ritual da produção do conhecimento compatível com as necessidades socioeducativas da sociedade e como expressão da formação acadêmica. Objetiva-se examinar a proposta do curso que é de formar profissionais concatenados com as demandas sociais, comprometidos com a consolidação de uma sociedade mais justa e democrática, confrontando-a com as dificuldades vivenciadas pelos alunos com a prática de pesquisa, identificando-se fatores associados a essas dificuldades e que esforços acadêmicos e pedagógicos têm sido incorporados na dinâmica do curso no sentido de superá-las. Sistematizou-se a partir da construção do problema: como a prática de pesquisa tem sido considerada no processo de formação acadêmica frente as dificuldades, limitações e possibilidades trazidas pelos alunos do curso de Metodologia da Educação Superior? um referencial teórico baseado em autores que têm se dedicado em contribuir com avanço teórico-metodológico acerca da prática de pesquisa, particularmente na pós-graduação

Palavras-chave: prática pesquisa; pós-graduação; metodologia da educação superior, produção de conhecimento.

Introdução

O debate acerca das dificuldades que os alunos de pós-graduação enfrentam na escolha e construção de seu objeto de estudo em face da necessidade de elaborarem e desenvolverem um projeto de pesquisa (FAZENDA, 1989), coloca novas demandas de orientações teórico-metodológicas aos cursos de especialização promovidos pela Universidade.

Este texto, parte integrante da monografia que será apresentada à Coordenação do Curso da Especialização em Metodologia da Educação

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, N° 5, 2004

1 Doutora em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ, 2002) Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFCS/CCSE) – Orientadora (mariagg@amazon.com.br).

2 Psicóloga, discente do Curso de Especialização em Metodologia da Educação Superior.

3 Pedagoga, discente do Curso de Especialização em Metodologia da Educação Superior.

Superior, foi motivado pelas dificuldades e angústias que enfrentamos no momento em fomos solicitadas a colocar a indagação inicial de um problema que orientaria o formato de seu projeto, e, posteriormente, o ritual da produção do conhecimento, este compatível com as necessidades socioeducativas da sociedade, e como expressão da formação acadêmica.

Primeiramente, em função de que entre os vários temas de interesse investigativo, eleger um dentre tantos requer que se identifique a originalidade e a potencialidade das contribuições que o tema eleito poderá dar ao debate teórico-prático.

Uma outra razão refere-se ao próprio curso de Metodologia da Educação Superior, cuja proposta objetiva formar profissionais conectados com as demandas sociais, comprometidos com a consolidação de uma sociedade justa e democrática, e que sejam capazes de realizar projetos sociais que colaborem com a construção de um mundo melhor, logo significa que ao final do curso, deveremos ter desenvolvido atitudes frente à sociedade para responder questões voltadas à Educação Superior, no sentido da construção de uma prática docente de qualidade a partir de uma perspectiva interdisciplinar, visando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

No entanto, no convívio com outros alunos e professores do curso, têm sido desveladas várias situações relacionadas à construção do conhecimento, que distanciam os resultados da formação acadêmica dos objetivos preconizados pelo curso. É notória a dificuldade dos alunos em protagonizar esse papel de produtor de conhecimentos em função dos problemas que enfrentam para pensar a pesquisa, fazer pesquisa, e, conseqüentemente, refletir sobre a prática educativa propondo mudanças significativas no contexto sócio-educacional. Essas percepções despertou-nos o interesse de examinar e compreender a dinâmica deste processo educativo, na perspectiva de identificar os principais problemas, bem como as limitações dos alunos no que se refere a ação investigativa e a produção de conhecimento.

Em função disto, a discussão acerca da temática orienta-se pela seguinte questão: Como a prática de pesquisa tem sido considerada no processo de formação acadêmica frente as dificuldades, limitações e possibilidades trazidas pelos alunos do curso de Metodologia da Educação Superior?

Este problema tem como pressuposto de que a pesquisa

é a forma básica de se fazer ciência, é por meio dela que se problematiza, tematiza e se interpreta a realidade. O conhecimento gerado nessa interpretação atualiza e revitaliza a prática pedagógica.

Assim sendo, estudar a prática da pesquisa no Curso de Metodologia da Educação Superior se evidencia como relevante porque se realizará no contexto acadêmico no qual o curso se efetiva. A construção teórica do problema revelou-nos como temática: **A prática da pesquisa em curso de pós-graduação lato sensu: limites e possibilidades.**

Por considerar-se que não há um caminho único que conduza à produção do conhecimento, definiram-se as seguintes questões norteadoras do estudo: Qual o significado de pesquisa para o aluno de pós-graduação? De que forma as dificuldades teórico-metodológicas dos alunos são trabalhadas no Curso de Metodologia da Educação Superior? Quais os fatores que estão associados às dificuldades em relação ao planejamento e desenvolvimento da pesquisa, vivenciados por alunos do curso?

Como se trata de um estudo ainda em realização, o texto ora apresentado refere-se aos pressupostos teóricos acerca da pesquisa, frutos de reflexões e/ou investigações realizados por autores que têm produzido conhecimentos acerca dessa temática. Tem como perspectiva, identificar epistemologias que ajudem aqueles que enfrentam dificuldades na construção e no desenvolvimento dos projetos de pesquisa.

No princípio mito e fé explicavam a realidade

No início, o mito explicou o mundo, mas descobriu-se que esse tinha uma racionalidade própria e que cabia somente ao ser humano descobri-la. Então a fé surge como limite da razão, mas que razão é essa? Do feudalismo ao capitalismo ocorreu uma grande transição que desencadeia outra forma de ver o mundo nesta relação. Neste ponto a ciência emerge com a proposta de valorizar a capacidade do homem em conhecer e transformar a realidade, para sustentá-la, a filosofia possibilita a relativização e reflexão do conhecimento, pois conhecimento é poder. A ciência emerge e se faz (ANDREY, 1996).

Andrey (1996) afirma que para compreender a ciência hoje, tem-se que olhar para a história, fazer um retrocesso a fim de compreender os caminhos e descaminhos percorridos pela ciência e por aqueles que a fizeram, determinados pelo momento histórico

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

e contexto social vivenciado que influenciou o pensar e o fazer científico.

Sabe-se que o homem é um ser que faz parte da natureza estabelecendo com a mesma uma relação dialética, no sentido que ao mesmo tempo modifica-a e é modificado por esta. Sendo a natureza *o corpo inorgânico do homem*, a relação que mantém com a mesma é mediada por uma ação intencional e planejada, afinal, o homem não se limita a imediatez de suas necessidades básicas e fundamentais, em virtude de sua ação ser desenvolvida a partir de idéias, que de acordo com Andrey (1996) representam a forma de ser e estar do homem no mundo, através das quais o homem humaniza e modifica a natureza e esta adquire assim, a marca da atividade humana.

No processo de produção de sua existência, o homem cria novas necessidades que passam a ser tão fundamentais quanto as necessidades básicas de sobrevivência, este homem para Andrey (1996) *sabe que sabe* e utiliza esse conhecimento em função de desejos de dominar a natureza. Esse processo de produção é significado como sendo socialmente mediado pelo trabalho, atividade humana a partir da racionalidade. Por isso, afirma-se que é a consciência humana que determina o caminhar da vida, em virtude de que o desenvolvimento da humanidade ocorre segundo as necessidades materiais do homem. Essa ação, planejada e intencional, provoca mudanças no mundo social.

Dessa maneira, o ser humano passou a buscar outras formas de explicar a sua realidade. Com a emergência da sociedade industrial, a ciência tornou-se, no Ocidente, a forma hegemônica, de conhecimento da realidade. Segundo Andrey (1996, p.16) *a ciência é o explicar racional sendo determinada pelas necessidades materiais do homem em cada momento histórico, ao mesmo tempo em que nelas interfere*, portanto o conhecimento é determinado ideologicamente e historicamente. Assim, pode-se dizer que a ciência é a tentativa do homem para compreender o mundo e a si mesmo.

Para D'Oliveira (1984) ciência é a maneira de se compreender o fenômeno com vistas a intervir neste para se chegar a novas descobertas. Morin (2000) afirma que todas as ciências são sociais, elucidativas, enriquecedoras, além de uma grande aventura.

O homem, por ter a capacidade de pensar em termos abstratos, pode ser capaz de pensar cientificamente. A ciência apresenta como característica comum, o uso do método, sendo assim, emprega-se o método para estudar problemas solucionáveis. A ciência objetiva construir modelos, que são teorias formuladas, e receitas que são as tecnologias, à aplicabilidade da ciência, realizada a partir de modelos (ALVES, 1981).

A ciência se caracteriza por ser a tentativa do homem entender e explicar racionalmente a natureza, buscando formular leis gerais que permitam a atuação humana. Por isso, configura-se como uma atividade metódica, sistemática, objetiva e racional (GIL, 1993).

A ciência se diferencia de outras formas de compreender o mundo em função do método científico. Conforme Andrey (1996, p.22), *o método é um conjunto de concepções sobre o homem, a natureza e o próprio conhecimento, que sustentam um conjunto de regras, de ação, de procedimentos prescritos para se construir conhecimento científico*. O método reflete o momento histórico, porém não significa que em determinado momento só exista um método para compreender o homem, pois podem coexistir diferentes métodos e cabe somente ao pesquisador fazer a escolha de qual método se utilizará para a apreensão do objeto de estudo (GIL, 1993).

Bachrach (1975) apud D'Oliveira (1984) ressalta que a ciência enquanto atividade humana, apresenta objetivos que devem ser ressaltados. Todo conhecimento científico visa compreender, controlar, descrever e predizer para que o fim último da ciência seja alcançado que é o de ordenar os fatos em leis gerais a partir dos quais inevitavelmente se começa com a observação do fenômeno, pois *o observável é a verdadeira pedra da ciência*. Ainda conforme Bachrach para analisar um fenômeno o cientista deve estar governado pelo *Princípio da Incerteza*, isto é, não pode ter acesso a todas as informações sobre o fenômeno pois caso isto ocorra provavelmente o cientista não estará disposto a analisar os dados como se apresentam, possivelmente estará "miope" ao novo que possa ocorrer ao longo do processo de investigação científica, pelo fato de querer comprovar suas hipóteses norteadoras.

Para Bachrach (1975) apud D'Oliveira (1984, p.34) o que caracteriza o método científico é a busca de coerência ou ordem entre os fatos, pois ... *a verdade em ciência não é a verdade a respeito do fato, que nunca pode ser mais do que aproximada, mas a verdade a respeito do fato, que nunca pode ser mais do que aproximada, mas a verdade das leis que vemos*

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

nos fatos.

Na ciência, o primeiro princípio é a pesquisa. Para muitos estudiosos ciência e pesquisa são sinônimos, pois só se faz ciência com a realização de pesquisas. Para outros, a pesquisa é uma das etapas do fazer ciência. Hage (1997, p.44) define *pesquisa como a capacidade de questionamento que não aceita resultados fechados e definitivos, estabelece a provisoriedade metódica, como fonte de renovação científica*. D'Oliveira (1984) justifica a pesquisa como sendo o meio que os cientistas possuem para verificar suas hipóteses, testar suas idéias, suas teorias em função da observação e interpretação dos fatos.

Pesquisar: o verbo faz conhecimento

A pesquisa encontra-se atrelada ao ato de pensar, que permite a compreensão do fenômeno apresentado Luckesi (2001, p.49) diz que:

Enquanto não entram na esfera da compreensão, as coisas do mundo são somente seres existentes e não objetos para o ser humano. Estando no mundo, submetidos às suas leis, conseguimos, pelo processo de entendimento, desvencilhar-nos dessa submissão, na medida mesmo em que agimos sobre ele, nos distanciamos transcendendo-o. Pelo ato dialético de entender, entranhado em nossos atos de transformar, as coisas adquirem um modo de ser: Não são mais coisas opacas e sim iluminadas, conhecidas e entendidas.

Sendo assim, o ato de pesquisar possibilita ao aluno adentrar em outro mundo, num mundo de reflexão, pois a partir da atividade de pesquisa este torna-se capaz de compreender o mundo ao seu redor, compreendendo o funcionamento e a ocorrência dos fenômenos no mundo a ser investigado. Ao pesquisar, o aluno, segundo Demo (1990) torna-se capaz de ter suas próprias idéias e formulações, deixando de ocupar o lugar de discípulo para conquistar a posição de detentor de saber, de conhecimento fidedigno com vistas a oferecer respostas à sociedade.

Dessa forma, o que significa pesquisa? Para Gil (1993) pesquisa é o processo racional com objetivo de responder problemas solucionáveis, com base na reunião de informações necessárias para respondê-los. Luna (1999) afirma que é produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente.

Luckesi (2001) discute que para conhecer a

realidade, com o intuito de produzir conhecimento relevante, somente através da atividade de pesquisa é que isso torna-se possível. Este conhecimento produzido apresenta as seguintes características: é metódico; não é reducionista; é dinâmico; parte de uma ação consciente e intencional. *O conhecimento científico pretende esclarecer as ocorrências factuais do universo, produzindo uma compreensão de parcelas do "mundo", discriminando-as e criando as conexões lógicas e entendimento entre os seus componentes.* (SOARES, 1997, p.54).

Portanto, pode-se dizer que o conhecimento científico visa esclarecer o que ocorre na realidade vivenciada pelo homem, e a criatividade aliada à curiosidade de conhecer do pesquisador impulsionará o desenrolar da pesquisa. Toda pesquisa se inicia com um problema a ser investigado, com a necessidade de esclarecer algo que a princípio encontra-se oculto ao pesquisador.

A sociedade tem como privilégio a capacidade de produzir conhecimentos que propiciam ao homem intervir na natureza de acordo com suas ações intencionais; neste sentido se apropria da realidade, do mundo concreto, mundo conhecido a princípio pelos órgãos dos sentidos. Ao conhecer, o homem descobre a funcionalidade da natureza bem como suas leis para intervir na mesma. Segundo Luckesi (2001, p.81) para que essa atividade se realize, o homem dispõe dos seguintes recursos lógicos e metodológicos: *orientar-se pelo espírito crítico; senso de realidade; humildade; agir com coragem*, enfim o engajamento no processo que requer a *comunhão* daquele que conhece com o mundo a ser conhecido.

Entende-se que a produção de conhecimento a partir da atividade racional de pesquisa deveria iniciar na escola básica, com intuito de formar alunos críticos, reflexivos, questionadores, capazes de observar o mundo circundante com o olhar diferenciado através da dúvida, da curiosidade, da necessidade de conhecer buscar com base em pesquisa, na investigação assistemática, solucionar questões relevantes à sociedade. Todavia, essa atividade para Demo (1990) é algo utópico no cotidiano das escolas brasileiras, e afirma que *quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista, explorador privilegiado e acomodado.*

De acordo com Demo (1990) a pesquisa é um princípio educativo que deve ser desenvolvida inicialmente nas escolas e sua prática deve estender-se por toda a vida do indivíduo, potencializando a criatividade do ser humano além de sua

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

capacidade de pensar reflexivamente. É importante compreender que a pesquisa fundamenta o ensino de qualidade, entretanto o professor deve ter como atitude norteadora de seu trabalho a socialização do fazer pesquisa incentivando seus alunos para a prática compromissada, pois não cabe mais a atitude de o professor ser o detentor do saber. Deve lembrar sempre, que é o educador, e, portanto, para educar também deve pesquisar.

Demo (1990) sinaliza alguns pontos que o professor deve apresentar na sua prática que são: pesquisar; possuir domínio teórico; saber utilizar dados empíricos; possuir metodologia flexível; ser sujeito social e transformador; compreender e intervir na sociedade; pesquisar e saber que essa atividade é um princípio educativo; produzir conhecimentos relevantes. Assim, desempenhará com sucesso a docência, e possibilitará que seus alunos sejam comprometidos com o fazer e saber, sendo responsáveis com a demanda social, respondendo dessa forma a existência de um saber superior.

Na relação professor-aluno não cabe mais ao aluno a postura de mero receptor de conhecimentos, como não cabe a postura do professor ser aquele que detém o conhecimento, formando profissionais medíocres desconectados com a realidade vivenciada. Essa relação deve basear-se na espiral dialética, na qual todos são protagonistas de suas histórias, portanto a educação é uma mão dupla, pois assim como o professor ensina e o aluno aprende, o inverso também se faz em função de que todos são influenciados e influenciam. É necessário, assim, motivar o aluno a pesquisar, Demo (1990) nos diz que é importante possibilitar ao aluno o contato direto com as teorias, para que opte por uma base epistemológica, assim saberá lidar com a interpretação dos dados científicos, com o objetivo de formular questões próprias a partir de sua capacidade de criação.

Conseqüentemente, o aluno passa do papel de reprodutor para alcançar o de criador de conhecimento útil social e cientificamente. O professor deverá desenvolver em seus alunos a emancipação, e é somente a pesquisa que possibilita isso, pois por si só é uma atividade crítica e reflexiva; contudo é conveniente motivar a produção científica, para isso deve-se instrumentalizar o aluno a se autogerir para que possa enfrentar o desafio de pensar, articulando a pesquisa nessa atuação.

De acordo com Teixeira (2002) no cerne do trabalho científico o grande nó se dá na formulação de uma

situação-problema, que em geral, é uma pergunta a ser respondida por meio de uma investigação científica, logo, pressupõe-se também a escolha de um método, um caminho que viabilize a solução através de respostas sobre o problema, fenômeno a ser investigado. A escolha não se processa aleatoriamente, pois envolve a subjetividade e a criatividade do pesquisador, além de sua proximidade com o tema, relação que viabiliza a pesquisa pelo fato de envolver questões pessoais que o motivaram a pesquisar tal fenômeno, dentre tantos na realidade vivida.

Depois da escolha do tema e situação-problema, o pesquisador deve apontar o enfoque teórico-metodológico de sua pesquisa; isso demonstrará como o mesmo responderá tal problema, em virtude de que as teorias segundo Morin (2000) dão forma, ordem e organização aos dados verificados, sendo denominadas como sistema de ideais que se aplicam aos dados. Ao determinar o eixo epistemológico iniciam-se os passos para que a pesquisa se realize com sucesso.

Luna (1999) discute que independente da base epistemológica adotada pelo pesquisador, o processo de pesquisa necessariamente envolve seis fases, a saber:

1. formulação do problema de pesquisa;
2. planejamento de pesquisa;
3. execução ou coleta de dados;
4. análise e interpretação de dados;
5. respostas;
6. divulgação dos resultados e considerações da pesquisa.

Além desses passos a serem seguidos, Morin (2000) comenta acerca da responsabilidade do pesquisador perante a sociedade, afirma que a práxis do pesquisador implica uma ética própria, cabendo ao mesmo seguir o que o autor diz de caminhos de tomada de consciência crítica, e necessidade de elaborar uma ciência da ciência, ou seja, uma ciência com consciência a fim de lidar fidedignamente com o dados de sua pesquisa, para evitar que a ciência traga problemas na relação do homem com o próprio homem e/ou com a natureza modificada, a partir de sua ação irresponsável e desenfreada de destruição.

Para Morin (2000) a ciência é uma das raras atividades humanas, talvez a única, na qual os erros são sistematicamente assinalados e com o tempo, constantemente, corrigidos.

Entretanto, observa-se ainda nos cursos de pós-graduação que alunos enfrentam problemas e

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

dificuldades na condução da pesquisa. Fato este discutido por Severino (1992), o qual nos informa que tal dificuldade expressa-se no próprio processo relacional de orientação, no qual o orientando depende excessivamente de seu orientador, demonstrando sua falta de autonomia, e a posição que deveria ser adotada de o orientador servir de contraponto, transforma-se em um reelaborador do trabalho. Isso reflete a dificuldade do aluno em desenvolver um método sistemático de trabalho, além da grande limitação teórica impedindo desta forma que este articule o nível teórico com o nível prático.

Para Severino (1992, p. 33) não é suficiente colocar nos currículos a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa, mas possibilitar ao aluno a compreensão da teoria, pois:

Na pós-graduação, apesar de toda precariedade enquanto instituição acadêmica no Brasil, é ainda um significativo espaço para a pesquisa, espaço para a criação científica, o que exige, sem nenhuma dúvida, uma rigorosa fundamentação epistemológica para o melhor desempenho de todas as investigações.

Percebe-se aí a relevância da teoria. Teorizar pressupõe desvendar. Não há, contudo, elaboração teórica, se não se integrar teoria e prática e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a pesquisa é um instrumento da prática pedagógica, entretanto, a dicotomia entre ensino e pesquisa é um problema nascido da dicotomização teoria e prática, pois de um lado encontram-se os pesquisadores e de outro os professores, demonstrando que o fazer destina-se aos “poucos” enquanto o pensar aos “muitos”. (FAZENDA, 1992)

É por meio de pesquisas cujo enfoque é o cotidiano de uma sala de aula, de uma universidade, de um curso, que se aponta um repensar da prática realizada, possibilitando novos enfoques metodológicos, buscando redimensionar ensino e pesquisa, revelando-se nas descrições e análises das experiências.

Pesquisar a própria ação é uma tarefa árdua, haja vista que pesquisas desse tipo devem ser cuidadosamente orientadas, a fim de realmente constituir-se não somente em elementos para revisão das práticas pedagógicas, mas com intenção de gerarem novos rumos no cotidiano daqueles que constróem a educação. (FAZENDA, 1992)

Conforme Chizzotti (1992, p. 91) é necessário trabalhar o cotidiano de forma sistemática pelo fato de que:

O comportamento e o cotidiano, em suma, são considerados como uma síntese cristalizada e inconsciente de estruturas normativas que já foram inculcadas e que regem as condutas ou as motivações dos atores sociais e explicam a reprodução e a estabilidade da ordem social.

Desejar pesquisar a própria prática é possível no sentido de promover um repensar constante do processo que naquela instituição se instaura. Afinal, conforme explicitou Severino (1992) tem-se que estar comprometido com a intencionalidade do projeto científico-educacional, para construir ciência, o processo da ciência e o processo educacional. E, é justamente este cotidiano que continua a ser o centro de interesse de muitos pesquisadores.

O desafio dos cursos de pós-graduação é de se constituírem, de fato, como um espaço privilegiado de incentivo a prática da pesquisa, consolidando o seu estatuto de atividade fundamental para a produção do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, R. **Filosofia da ciência: uma introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANDREY, M.A.A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

CHIZZOTTI, A. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

DEMO, P. **Pesquisas: Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.

D'OLIVEIRA, M. M. H. **Ciências e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Loyola, 1984.

FAZENDA, I. (org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 1993.

LUCKESI, C. et al. **Fazer universidade: Uma proposta metodológica**. 12 Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 1999.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SEVERINO, A. J. Problemas e dificuldades na condução da pesquisa no curso de pós-graduação. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, A.C.H. **A pesquisa como viabilizadora da produção de conhecimento no ensino fundamental**. 1997. 144 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, UNAMA. 1997.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 4 ed. Belém: UNAMA, 2001.